

O ANIMAL QUE LOGO SOU REFLEXÃO SOBRE A OBRA DE JACQUES DERRIDA

Victor Fabiam Gomes Xavier¹

RESUMO: O presente artigo é uma reflexão sobre a obra *O animal que logo sou* de Jacques Derrida. A obra representa uma exploração profunda e complexa da relação entre humanos e animais. Derrida examina as divisões tradicionais condicionais entre eles, questionando a separação absoluta que historicamente foi estabelecida entre as duas categorias. O argumento de que a distinção entre humanidade e animalidade não é tão claro quanto geralmente se acredita, e que ela é permeada por ambiguidades e contradições. Assim, esta obra desafia as fronteiras tradicionais entre humanidade/animalidade, questionando a clareza dessas distinções e explorando as complexas implicações éticas dessa reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidade, Animalidade, Ambiguidade, Distinção, Ética.

THE ANIMAL THAT THEREFORE I AM REFLECTION ON THE WORK OF JACQUES DERRIDA

ABSTRACT: This article is a reflection on Jacques Derrida's work 'The Animal That Therefore I Am.' The work represents a deep and complex exploration of the relationship between humans and animals. Derrida examines the traditional and conditional divisions between them, questioning the historically established absolute separation between the two categories. The argument is that the distinction between humanity and animality is not as clear as commonly believed and is permeated by ambiguities and contradictions. Thus, this work challenges the traditional boundaries between humanity and animality, questioning the clarity of these distinctions and exploring the complex ethical implications of this reflection.

KEY-WORDS: Humanity, Animality, Ambiguity, Distinction, Ethics.

Introdução:

¹ Graduação em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira (2014-2017); Especialização em Ensino da Filosofia pela Universidade Estácio de Sá (2017-2018), Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Pernambuco-UFPE (2020-2022). Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade do Paraná - PUCPR. E-mail:victorfabiam17@gmail.com

Este livro surge a partir de uma experiência concreta quando o filósofo estava nu no seu apartamento diante do seu gatinho, o animal ficou olhando fixamente para ele na sua nudez e Derrida se colocou no lugar do animal e ao mesmo tempo tentou perceber os seus limites enquanto ser humano e os limites do gato.

Justamente nesse movimento de reflexões ele escreve esse livro buscando uma relativização ou uma desconstrução daquilo que ele chama de os próprios do homem, os elementos distintivos que desde então tem-se no ocidente como elementos próprios do ser humano e que distingue-os dos outros animais.

A capacidade de pensamento, de fala, de linguagem; o uso de utensílios técnicos, por exemplo, para a produção de outros utensílios; a capacidade de apagar seus próprios rastros; a nudez e a consciência da morte são alguns desses próprios do ser humano que são relativizados e desconstruídos por Derrida nesse livro.

Jacques Derrida vai mostrando, segundo sua argumentação relativista e desconstrucionista, que são sempre construções muito afáveis e bem vindas do ser humano, justamente para traçar uma distinção entre a espécie humana e a espécie dos demais animais, com o objetivo de imprimir uma superioridade do ser humano com relação aos animais irracionais.

Na visão do filósofo, os animais são os outros mais do que qualquer outro. Isso significa que o ser humano ocidental, segundo o Derrida, acha sempre o modo de construir a imagem de um outro que não é ele mesmo e atribui-se a este outro todos os qualificativos que não são próprios ao ser humano e que ele não deseja a si mesmo.

Desse modo, atribui-se a irracionalidade aos animais, por exemplo, justamente para que de modo indireto o ser humano a tenha e assim por diante todos os qualificativos negativos.

Michel Foucault também aborda que a questão da animalidade é sempre tida, para o ser humano ocidental, como um traço negativo. Sendo assim, um ser humano que se animaliza, e tem muitas histórias na literatura assim, é um traço de diminuição nesse sentido.

Mesmo que alguém discorde do ponto de vista de Jacques Derrida, o ser humano tem posto o animal quase que com o estatuto de sujeito, de sujeito animal. Por essa razão se fala dos direitos dos animais. Por isso, para Derrida e para muitos outros autores que estão vindo na

mesma linha, é necessário perceber o animal como a partir da alteridade que é um conceito de Octavio Paz, pensador mexicano.

Isso significa que existe algo no animal que compõe o ser humano também. Ou seja, se o homem é animal racional, perceber a poética animal e tudo que ela comporta, entender a zooliteratura, entender o animal escrito é entender um pouco do próprio ser humano.

Entender o outro animal como passível de uma alteridade, ou seja, algo que compõe o ser humano e que o ser compõe a existência animal é largar não só a existência deles como a do próprio ser e assim a literatura cumpre uma função importantíssima, na medida em que traz possibilidades existenciais em que os animais podem pensar, portanto é um animal escrito e, por isso, o imaginário animal chega até o ser humano e este amplia a sua própria existência a partir da compreensão que este outro animal, em certa medida, é ser humano também.

Desenvolvimento:

Desde a antiguidade, já na tradição grega, tem-se a definição de homem como sendo o animal racional, o animal capaz de razão, capaz de ciência. Percebe-se que a contribuição vem maior de Aristóteles quando ele coloca que o traço distintivo do ser humano é o *Bios Theoretikos*, ou seja, a vida contemplativa. Com isso, ele traz duas noções: a capacidade de racionalidade e, por isso mesmo, a capacidade de moralidade.

O ser humano só é capaz de livre arbítrio, de uma vontade livre, justamente porque tem a faculdade racional. Não há, pois, mundo moral, segundo essa visão aristotélica que foi amplamente assimilada pelo ocidente, pelo pensamento cristão na sequência e por filósofos posteriores também do Renascimento, por exemplo, até chegar muito recentemente quando esses postulados são relativizados ou mesmo desconstruídos.

Quando se fala em desconstrução ou método desconstrutivo², acentua-se um momento específico da filosofia ocidental que é quando Jacques Derrida, pai do desconstrucionismo, filósofo franco argelino escreve o livro chamado *O animal que logo sou*.

² Acerca desse **método desconstrutivo** – reforçando aqui uma certa impropriedade do emprego da palavra **método** – lembrar-se-á, que, para a desconstrução, não se trata de retomar textos e conceitos de outros filósofos simplesmente no sentido de efetuar uma crítica, rejeitar ou inverter posições. O procedimento desconstrutivo de trazer à tona pressupostos implícitos, desestabilizar leituras consolidadas, intensificar relações e temáticas que o

O título original do livro é, em si mesmo, ambíguo, permitindo duas traduções: o animal que logo sou ou o animal que logo sigo. Esta ambigüidade reflete a complexidade do pensamento de Derrida no que se refere às modalidades do estar e da relação homem/animal. Assim, estar depois, estar junto, estar perto, estar com, assinalam a maneira como o homem ousa anunciar a si mesmo, negando e denegando a possibilidade de ser visto pelo animal, em toda a sua nudez, em toda a sua fragilidade recoberta de supremacia (PRELVITZ, 2006, p. 1).

Desde seus primeiros escritos, Jacques Derrida mostrou ser um grande pensador e suas reflexões sobre a temática animal foram ganhando força como um dos temas mais importantes de sua trajetória acadêmica, ainda que ele fosse bastante conhecido pelas questões referentes à linguagem, ética, política, direito e psicanálise.

No início da conferência que analisa-se neste texto, Derrida pergunta: "Há muito tempo pode-se dizer que o animal nos olha?" (DERRIDA, 2002, p. 15). Isso introduz a ideia da nudez e do pudor que Derrida quer refletir, mostrando que o animal não pode estar nu porque ele é nu. Sendo assim, por não se vê nu e não ser nu, não existe a nudez e o animal não está preocupado com o pudor ou impudor, diferente do homem que faz uma veste e oculta seu sexo. Dizia Derrida:

O que é o pudor se só se pode ser pudico permanecendo impudico, e reciprocamente? O homem não seria nunca mais nu porque ele tem o sentido da nudez, ou seja, o pudor ou a vergonha. O animal estaria na não nudez porque nu, e o homem na nudez precisamente lá onde ele não é mais nu. Eis uma diferença, eis aí um tempo ou um contratempo entre duas nudezes sem nudez. Esse contratempo está apenas começando a nos incomodar no que diz respeito à ciência do bem e do mal (2002, p. 18).

autor ou intérprete teriam mantido em segundo plano ou em suspenso, permite desdobramentos e deslocamentos a partir da obra que os relê. Obra que se constitui tanto menos a partir de conceitos que lhe seriam próprios e tanto mais pelo que, deslocado desde textos de outros autores, abre caminho para outras direções de pensamento. Nesse sentido, se Derrida não irá defender um retorno a algum humanismo que elegeisse alguma determinação privilegiada para pensar o homem, tampouco ele simplesmente assume posições dos autores em questão. Derrida não subscreveria o idealismo de Hegel e Husserl, respectivamente via a submissão da finitude à infinitude ou ao transcendental, nem a recusa heideggeriana de um humanismo em prol da reabilitação de uma outra dignidade do homem, desde a proximidade entre homem e ser. Todavia, esses autores, cada um a seu modo, apontaram para um pensamento em que o limite do humano foge a qualquer determinismo. Entende-se, deste modo, uma **necessidade**, para Derrida, de retornar a esses filósofos, no sentido do que a desconstrução disso desdobra, a saber: um ultrapassamento ou transgressão das fronteiras do humano, sem a pretensão de conter ou dominar suas bordas limítrofes (SERRA, 2018, p. 41).

Derrida chega a situar os filósofos Descartes, Kant, Heidegger³, Lacan e Lévinas como pensadores que não reconheceram no animal a capacidade de encarar o homem, olhá-lo e poder se dirigir a ele. "É como se os homens desta configuração tivessem visto sem terem sido vistos, como se tivessem visto o animal sem terem sido vistos por ele, sem se terem visto vistos por ele, sem se terem visto vistos nus por alguém" (DERRIDA, 2002, p. 33).

Nesse sentido fica evidente, em Derrida, que a nudez é própria do ser humano e isso ressalta um outro tema importante que é a questão da resposta. A resposta ao apelo e convite do outro, ao chamado do próprio nome. O homem é um animal falante e, como dizia Lacan "o animal não tem inconsciente ou linguagem, exceto para efeito de uma ordem humana, por contágio, apropriação ou domesticação" (DERRIDA, 2003, p. 123). Ao animal só existe mensagem por códigos.

Com isso Derrida chama atenção lembrando o capítulo VI de Alice no país das maravilhas quando Alice e o Gato entram numa discussão sobre o sentido das palavras e se deparam, no final, com a dificuldade do que o próprio vocábulo pode querer dizer.

Somos todos loucos por aqui. Eu sou louco, você é louca, disse o Gato. Como sabe que eu sou louca?, perguntou Alice. Só pode ser respondeu o Gato. E como você sabe que você é louco?, perguntou Alice. Pois bem, continuou o Gato, você sabe, um cachorro rosna quando está zangado e abana a cauda quando está contente. Ora, eu rosno quando estou contente e abano a cauda quando estou zangado. Chamo isso de ronronar, não rosnar, disse Alice. Ora, chame como quiser, disse o Gato (CARROL, 2002, p. 63).

Paralelamente a isso, Derrida chama atenção para o capítulo VIII de Alice no país das maravilhas, quando ela participa do jogo de croqué da Rainha das Copas e, sendo as bolas os ouriços e os tacos os flamingos, quando Alice se preparava para bater no ouriço com o flamingo esse se virava para olhar face a face e surge a questão é possível estar face a face com um animal?

Para responder essa pergunta, faz-se necessário remontar a Michel Montaigne, como única exceção de toda tradição do pensamento que coloca a impossibilidade de estar face a face

³ Derrida não apenas confronta a assertiva de Heidegger segundo a qual "o ani-mal é pobre de mundo", pelo fato de ser privado de lógos, mas realiza, a partir desse confronto, um apurado processo de desconstrução do humanismo logo-cêntrico do Ocidente (MACIEL, 2016, p. 38).

com algo que não responde. Em Montaigne, o animal tem um direito de comunicação, de signo, de uma linguagem, muito mais que simplesmente responder.

Não é admissível que a natureza nos tenha negado esse instrumento que deu a muitos outros animais, pois que outra coisa será, senão uma linguagem, isso que lhes permite queixar-se ou manifestar sua alegria, chamar por socorro ou por amor, o que fazem por meio da voz? Porque não falariam conosco? E não falamos com eles? Quantas coisas dizemos aos nossos cães, que eles compreendem e a que respondem! A linguagem que com eles empregamos não é a mesma que serve para falar aos pássaros, aos porcos, aos bois, aos cavalos. Mudamos de idioma, segundo o animal a que nos dirigimos (1972, p. 217).

Terminadas essas reflexões, Derrida abre caminho para o que ele chama de "hipóteses com vistas as teses" (DERRIDA, 2002, p. 49) que significa as duas posições. A primeira posição é a reviravolta histórica em relação ao tratamento dispensado aos animais. A segunda posição é a limitrofia ou limite entre o homem e o animal.

Na primeira posição da reviravolta histórica, Derrida deixa claro que é impossível negar que "as proporções sem precedentes desse assujeitamento do animal podemos chamá-las de violência, mesmo que seja no sentido mais neutro do ponto de vista moral desse termo" (DERRIDA, 2002, p. 52).

Para Van Camp (2011), poucos perceberam o que pode ser chamado de uma "virada zoológica" nos últimos escritos de Derrida. Nesse sentido, trata-se de como Derrida buscou interpretar a história do assujeitamento dos animais, isto é, da violência cometida pelos humanos contra os animais, a qual, segundo ele, vem assumindo proporções sem precedentes nos dois últimos séculos.

Ainda que Derrida prefira não usar a palavra crueldade e tenha tido uma experiência com a palavra genocídio⁴, percebe-se nitidamente "o aniquilamento das espécies e a organização e exploração de uma sobrevivida artificial, virtualmente interminável, fora de todas as normas supostas da vida própria aos animais" (DERRIDA, 2002, p. 52).

⁴ "Quando encarei essa questão de violência nos EUA, na faculdade de direito de uma universidade judia, utilizei a palavra genocídio para designar a operação que consiste, em certos casos, em reunir centenas de milhares de animais, cada dia, para enviá-los ao matadouro e matá-los em massa depois de havê-los engordado com hormônios. Isso me custou uma réplica indignada. Alguém disse que não aceitava que eu falasse de genocídio: 'Nós sabemos o que é genocídio'. Portanto, retiremos a palavra. Mas você se dá conta do que quero dizer" (DERRIDA, 2005, p. 85).

Na segunda posição da limitrofia, Derrida deixa claro que seu pensamento ou seu interesse não consiste em negar ou apagar o limite que existe entre o homem e o animal, mas "questionar o desconhecimento interessado a respeito da maneira de interpretar a fronteira entre o Homem e o Animal" (DERRIDA, 2005, p. 74), como também "questionar uma tradição que não foi homogênea, por certo, mas sim hegemônica e por outro lado sustentou o discurso da hegemonia até o domínio" (DERRIDA, 2005, p. 75), ou até mesmo insistindo e concluindo que "não é para pretender, necessariamente, que não haja limite entre os animais e o homem senão que sustento que há mais de um limite: muitos limites" (DERRIDA, 2005, p. 77).

A discussão torna-se interessante quando, em vez de perguntar se existe ou não um limite descontínuo, procura-se pensar o que se torna um limite quando ele é abissal, quando a fronteira não forma mais uma só linha indivisível, mas linhas; e quando, em consequência, ela não se deixa mais traçar, nem objetivar nem contar como uma e indivisível. Que são as bordas de um limite que cresce e se multiplica em se nutrindo do insondável (DERRIDA, 2002, p. 60).

Essa limitrofia, que é uma ruptura abissal entre o ser humano e o animal, tem para Derrida uma história que é desconstrutível e essa desconstrução poderia se dar por 2 caminhos. O primeiro seria o uso da palavra animal sempre entre aspas como uma "citação a analisar, para marcar bem que se trata assim de uma palavra, apenas uma palavra, a palavra animal" (DERRIDA, 2002, p. 77); a segunda seria "forjar uma outra palavra no singular, ao mesmo tempo próxima e radicalmente estrangeira, uma palavra quimérica em contravenção com a língua" (DERRIDA, 2002, p. 77). Com isso, fica claro que nessa limitrofia,

Derrida nunca acreditou em uma con-tinuidade homogênea qualquer entre o que se chama o homem e o que ele chama o animal, pelo simples fato de o animal ser privado de linguagem, do direito e do poder de "responder", fala ainda que o único e indivisível limite que separaria o homem do animal é a "palavra", a linguagem nominal da palavra, a voz que nomeia. O animal é privado da palavra (GARCIA E SANTOS, 2012, p. 193).

Concluindo, Derrida propõe o termo "animot" para substituir o termo animal "buscando evidenciar a multiplicidade de seres animais e a complicação da tradicional distinção humano-animal" (PAIXÃO, 2013, p. 277), sempre na procura de não negar as diferenças, mas questionar uma única fronteira, una e indivisível, entre o homem e o animal.

Conclusão:

O Animal que Logo Sou é um livro escrito pelo filósofo francês Jacques Derrida onde o autor faz questão de explorar a relação entre humanos e animais, questionando os limites e as hierarquias estabelecidas tradicionalmente entre essas categorias.

Derrida propõe uma desconstrução das noções convencionais que separam os seres humanos dos animais, desafiando a ideia de uma fronteira rígida entre os dois. Ele argumenta que, ao examinar as características que supostamente definem os humanos, como a razão, a linguagem e a consciência, encontram-se exemplos de comportamentos e traços presentes também nos animais.

Ao longo do livro, Derrida aborda questões éticas relacionadas ao tratamento dos animais, explorando temas como a exploração animal na indústria alimentícia e os limites éticos da experimentação em animais. Ele critica o antropocentrismo, uma visão que coloca os humanos no centro de tudo e considera os outros seres como meros recursos para benefício humano.

Jacques Derrida também discute a linguagem e a comunicação entre humanos e animais, problematizando a suposta superioridade da linguagem humana e explorando formas alternativas de comunicação presentes no reino animal. Ele argumenta que nossa compreensão da linguagem deve ser ampliada para incluir formas não humanas de expressão e comunicação.

O Animal que Logo Sou é considerado uma obra importante dentro da teoria pós-estruturalista e do pensamento animal, desafiando as dicotomias tradicionais e promovendo uma reflexão crítica sobre a relação entre humanos e animais. Derrida busca questionar os pressupostos arraigados que sustentam a dominação e a exploração dos animais, convidando os leitores a repensarem as fronteiras e os limites entre as espécies.

REFERÊNCIAS:

DERRIDA, Jacques. **And say the animal responded?** Tradução de David Wills. In: WORFE, Cary (Org.) *Zoontologies. The question of the animal*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003, p. 121-146.

_____. **O animal que logo sou**. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____, ROUDINESCO, Elisabeth. **Violências contra os Animais**. In: DERRIDA, Jacques, ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã... Diálogos*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 80-96.

_____. **Violencias contra los animales**. In: _____; ROUDINESCO, Élisabeth. *Y mañana, que...* Tradução de Victor Goldstein. Buenos Aires: Editions Galilée, 2005, p. 73-87.

CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Tradução de Maria Luíza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GARCIA, Eduardo de Campos; SANTOS, Eliete M. da Silva. **Resenha o animal que logo sou**. Revista Trama Interdisciplinar - v.3 - n.2, São Paulo, 2012.

MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PRELVITZ, Tani Jacobsen. **Resenha sobre o animal que logo sou**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SERRA, Alice Mara. **Anthropos/o animal: A desconstrução do antropo-logismo e o problema das fronteiras**. Revista Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência. Rio de Janeiro, 2018.

PAIXÃO, Rita Leal. **Sob o olhar do outro. Derrida e o discurso da ética animal**. Artigo na Revista Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n.7, 2013, p. 272-283.

VAN CAMP, Nathan. **Negotiating the Antropological Limit: Derrida, Stiegler and the Question of the "Animal"**. *Between the Species*, v.14, n.1, 2011, p. 57-80.